

***Esse nome não me representa:
construções de valores líquidos
em nomes sociais de acadêmicos cotistas***

BRUNO GOMES PEREIRA*

THIAGO LUIZ SARTORI**

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar construções representativas de nomes sociais de acadêmicos que ingressaram no ensino superior por intermédio das cotas para pessoas transexuais e travestis. A fundamentação teórica está alojada no campo interdisciplinar dos estudos aplicados da linguagem, especialmente nas discussões acerca de identidades de gênero e de grupos marginalizados. A metodologia é do tipo documental, baseada na fala de acadêmicos de uma instituição federal, localizada na região metropolitana do Estado de São Paulo. Os dados revelam que, aos olhos dos acadêmicos cotistas, o nome social é uma espécie de representação autoafirmativa, a qual torna-se uma expressão líquida a partir do momento em que assume caráter transitório advindo da história de vida individual.

Palavras-Chave: Estudos Aplicados da Linguagem; Políticas Públicas; Representação.

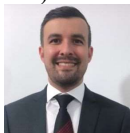
This name does not represent me: constructions of net values in social names of shareholder academics

Abstract: The objective of this article is to analyze representative constructions of social names of academics who entered higher education through quotas for transsexuals and transvestites. The theoretical foundation is housed in the interdisciplinary field of applied language studies, especially in discussions about gender identities and marginalized groups. The methodology is of the documentary type, based on the speech of academics from a federal institution, located in the metropolitan region of the State of São Paulo. The data reveal that, in the eyes of academic quota holders, the social name is a kind of self-affirming representation, which becomes a liquid expression from the moment it assumes a transitory character arising from the history of individual life.

Key words: Applied Language Studies; Public Policy; Representation.



* **BRUNO GOMES PEREIRA** é Doutor em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) (UFT).



** **THIAGO LUIZ SARTORI** é doutorando em Mudança Social e Participação Política (USP).

Introdução

Historicamente, o ser humano sempre teve necessidade de nominar as coisas. Isso porque, do ponto de vista sociológico, atribuir nome a algo ou alguém é, de certa forma, construir um ponto de referência. Em outras palavras, o processo de nominalização traz consigo um teor ideológico de representatividade, partindo da premissa de que sintetiza valores e princípios de que é nominado (LATOURET, 1997; MALINOWSKI, 1935).

Este conceito, de natureza relacional, nos leva a relativizar a ideia de “representação”. Este termo, por sua vez, é perpassado por inúmeros valores científicos a saber o lugar de fala assumido pelo pesquisador no momento da construção das análises. Neste trabalho, por sua vez, o sentido atribuído ao referido termo tem relação com a construção identitária do ator social¹, compreendendo-a como algo paulatino (PEREIRA, 2011; MOITA LOPES, 2006b).

Este atual cenário, aqui denominado como “modernidade líquida”, nos termos de Bauman (2008; 2004), corrobora para uma efemeridade das coisas. Isso, por sua vez, é semiotizado por meio do nome social, entendido não como um produto, mas sim como um processo. Isso porque sua construção vai além da simples nomenclatura, atingindo funções de sentidos do ator social em relação ao outro dentro de um processo de interação.

O objetivo deste artigo é analisar construções representativas de nomes sociais de acadêmicos que ingressaram no

ensino superior por intermédio das cotas para pessoas transexuais e travestis. Entendemos que isso pode nos ajudar a pensar nas condições de permanência de pessoas trans no contexto da educação superior, o que, evidentemente, nos convida a compreender o sistema de políticas públicas para além do acesso à universidade.

Diante disso, cabe a seguinte pergunta de pesquisa: *“Qual a representação dos nomes sociais de acadêmicos que ingressaram no ensino superior por intermédio das cotas para pessoas transexuais e travestis?”*.

Para respondermos a esta problemática de maneira satisfatória, mobilizamos uma fundamentação teórica no campo interdisciplinar dos estudos aplicados da linguagem, especialmente nas discussões acerca de identidades de gênero e de grupos marginalizados (FABRÍCIO, 2017; PEREIRA, 2015; GONÇALVES; SILVA; GOIS, 2014; KLEIMAN, 2013; MOITA LOPES, 2013a; MOITA LOPES, 2013b; MOITA LOPES, 2006a; MOITA LOPES, 2006b). Entendemos que esta vertente de investigação pode nos ajudar a conceber o nome social a partir de sua concepção ideológico-semântica, construída a partir da combinação dos signos linguísticos².

A metodologia é do tipo documental, baseada na fala de acadêmicos de uma instituição federal, localizada na região metropolitana do Estado de São Paulo. A concepção de “documento” que assumimos aqui tem relação com a possibilidade de representação de ideologias sociais que tais registros carregam em seu bojo, sendo

¹ Optamos pelo termo “ator social” em detrimento de “sujeito social”, pois entendemos que o acadêmico cotista assume função de protagonista na construção de sua identidade social, aqui representada pelo que ele prefere chamar de “nome social” (LATOURET, 2012).

² Estamos entendendo o “signo linguístico” como uma articulação indissociável entre significante e significado a partir das relações sociais (BENVENISTE, 2006).

indispensável para uma pesquisa em Ciências Humanas (PEREIRA; ANGELOCCI, 2021; LAKATOS; MARCONI, 2013; SÁ-SILVA *et al.*, 2009; CELLARDI, 2008; SEVERINO, 2007).

Os dados revelam que, aos olhos dos acadêmicos cotistas, o nome social é uma espécie de representação autoafirmativa, a qual torna-se uma expressão líquida a partir do momento em que assume caráter transitório advindo da história de vida individual. Nesse sentido, a não recorrência ao aluno cotista por meio do seu nome social pode representar forte exemplo de violência homofóbica, pois o acadêmico não se reconhece através de uma outra nomenclatura.

Articulações na Modernidade Líquida: colaborações dos Estudos Aplicados da Linguagem

Nesta seção, apresentamos o percurso teórico que mobilizamos neste artigo. Trata-se de um olhar relativizador da teoria, que se caracteriza pela própria demanda fluida de uma sociedade em que as relações se manifestam de maneira líquida.

A concepção de modernidade líquida que assumimos aqui é condizente com as orientações de Bauman (2004; 2008), quando o autor nos convida a pensar acerca das disjunções de valores voláteis que se desenham atualmente por meio das relações entre as pessoas. Isso porque a percepção de modernidade líquida contrapõe-se ao olhar fixo da modernidade sólida, mais evidente nas relações do século passado, em que tudo parecia mais duradouro e imutável.

Pensar nas relações como representações líquidas é reconhecer que todo fenômeno social deve ser pensado como processo e não como produto. Nesse sentido, a

condição processual das coisas nos assegura maiores condições de entender o produto, sendo este apenas um resultado de um emaranhado de juízo de valores (BAUMAN, 2004; BAUMAN, 2008). No bojo desta pesquisa, por exemplo, estamos entendendo o próprio nome social do cotista como um processo maior de ideologias do próprio ator social em consonância com o contexto de onde emerge.

Por trazer em seu escopo densas discussões acerca do desenho processual dos fenômenos sociais, os estudos aplicados da linguagem firmam-se como tradicionais em pesquisas que procuram mapear, descrever e analisar projeções discursivas de minorias. Isso, por sua vez, nos parece pertinente a este trabalho, partindo do princípio de que os grupos minoritários carregam em si todo um histórico de exclusão social e de silenciamento em relação aos grupos dominantes (SARTORI; PEREIRA, 2022a; SARTORI; PEREIRA, 2022b; SARTORI; PEREIRA, 2022c; SARTORI; PEREIRA, 2022d).

Aqui, estamos entendendo os e as acadêmicos transexuais e travestis cotistas como grupos minoritários, considerando sua posição social dentro de um sistema de relações que se mostra predominantemente heteroformativo (BUTLER, 1997; BUTLER, 2003). Nesse caso, é possível inferir que o ator social, neste caso, assume uma posição de dupla subalternidade: a) o fato de ser transexual e travesti; e b) o fato de ser cotista.

Os estudos aplicados da linguagem não reforçam o caráter disciplinar da maior parte das propostas investigativas no contexto acadêmico. Estes se caracterizam como um conjunto de propostas interdisciplinares³ que, ao optarem pelo

³ Estamos entendendo por interdisciplinaridade a possibilidade de diálogo entre diferentes áreas do

conhecimento na busca pela complexificação do objeto de pesquisa. Assim, trata-se da relação de

viés conversacional entre diferentes áreas do saber humano, acabam relativizando os olhares teóricos em relação ao objeto investigado (MOITA LOPES, 2013a; MOITA LOPES, 2013b; MOITA LOPES, 2006a; MOITA LOPES, 2006b).

Do ponto de vista histórico, os estudos aplicados da linguagem começaram a ganhar corpo no Brasil no início dos anos 1980, quando os termos “linguística aplicada” e “aplicação da linguística” eram vistos como sinônimos. Entretanto, já no início da década de 1990, seus significados começaram a ficar distantes e o primeiro termo passou a ter conotação de

aplicação teórico-social, enquanto o segundo, de replicação dos saberes puramente teóricos. Todavia, foi a partir dos anos 2000 que os estudos aplicados da linguagem passaram a ser vistos como opção filosófica de se fazer ciência, algo de natureza inter/trans/indisciplinar, tal como é feito atualmente, inclusive neste trabalho (PEREIRA, 2017).

A figura abaixo ilustra o movimento teórico-social que mencionamos acima. Trata-se de uma representação imagética de como os estudos aplicados da linguagem concebem o arcabouço teórico posto em voga neste artigo.



Figura 01: Movimento articulatório nos estudos aplicados da linguagem.

Fonte: Dos autores, 2023.

A Figura 01 semiotiza um movimento articulatório proposto pelos estudos aplicados da linguagem pós anos 2000. Este, por sua vez, foi adaptado às especificidades deste artigo, o qual propõe uma releitura das contribuições teórico-

sociais que opera na interface entre pesquisas sobre identidades, na esfera menor superior, e minorias, na esfera menor inferior.

Os estudos aplicados da linguagem, representados pela esfera central,

convergência teórica entre concepções acadêmicas afins (FAZENDA, 2008; LIMA, 2008).

representa, justamente, este movimento fluido entre diferentes olhares interfásicos, possibilitados pela natureza líquida da atual sociedade, tal como falamos anteriormente. Nesse sentido, nos interessamos pelo seu próprio olhar orgânico em relação à natureza mutável dos fenômenos sociais, os quais são construções ideológicas paulatinas (FABRÍCIO, 2017; PEREIRA, 2015; GONÇALVES; SILVA; GOIS, 2014; KLEIMAN, 2013; MOITA LOPES, 2013a; MOITA LOPES, 2013b; MOITA LOPES, 2006a; MOITA LOPES, 2006b). Neste artigo, inserimos aqui o próprio nome social, o qual é visto como representação identitária do acadêmicos trans cotistas.

Os estudos sobre identidades, ilustrados na esfera menor superior da figura, são essenciais às discussões que travamos aqui. Para isso, nos interessamos mais de perto pela construção das identidades de gênero que podem ser semiotizadas a partir da opção do acadêmico cotista pelo nome social no contexto interlocutivo universitário. Entendemos que aqui há uma sobreposição de valores entre aquilo que o acadêmico transexual e a travesti trazem consigo e aquilo que ele e ela esperam encontrar no contexto das relações no ensino superior.

Estamos entendendo o termo “identidades” como princípio de nomeação dos vários comportamentos que podemos assumir em decorrência do contexto pragmático em que estamos inseridos. Assim, é válido dizer que um mesmo ator social pode assumir diferentes identidades, a saber o que, como e com quem está falando. Por isso, optamos por recorrer a sua forma no plural, em detrimento do singular (FABRÍCIO, 2017; MOITA LOPES, 2006a; MOITA LOPES, 2006b).

No contexto investigativo sobre identidades de gênero, em especial,

problematizamos questões ideológicas que partem de um olhar autoavaliativo, ou seja, da percepção de si mesmo em relação ao outro. Nesse sentido, há várias pesquisas que tentam responder, de maneira satisfatória, como a pluralidade identitária pode ser vista como uma construção colaborativa e não individual, partindo do princípio de que são valores construídos em conjunto do “eu” com o “outro” (FABRÍCIO, 2017; MOITA LOPES, 2006a; MOITA LOPES, 2006b).

Ao revisitarmos a Figura 01, temos os estudos sobre minorias, localizados na esfera inferior da imagem. Estes, por sua vez, tentam relacioná-los à ideia de exclusão social, em detrimento da noção de quantidade, numérica propriamente. Em outros termos, estamos entendendo as minorias como grupos discursivamente periferizados historicamente em relação a outros que se firmaram como dominantes e socialmente aceitos (FABRÍCIO, 2017; PEREIRA, 2015; KLEIMAN, 2013; MOITA LOPES, 2013a; MOITA LOPES, 2013b).

Nesse caso, temos os transexuais e as travestis como exemplos de minorias, partindo da premissa de subordinação a uma sociedade heteroformativa e enbranquiçada. Dessa forma, encontramos no nome social uma tentativa de deslocamento de lugar de fala que o ator assume em decorrência de uma tentativa de socorro a partir de inúmeros atos de violência sofridos no decorrer da história.

Por fim, reforçamos a ideia de que os estudos aplicados da linguagem oferecem ferramentas que dão condições aos pesquisadores inferirem olhares analíticos em relação aos dados de investigação. Isso porque nos permite uma liberdade maior de construções de juízos de valor, ao possibilitar ver o mesmo objeto de investigação a partir de diferentes pontos de vista.

A construção da pesquisa

Nesta seção, apresentamos a metodologia da pesquisa assumida nessa investigação. A construção do percurso metodológico foi motivada pela Teoria da Complexidade (TC), movimento filosófico que prima pela relativização do olhar de tratamento lançado aos dados coletados e gerados no caminho investigativo. De acordo com a TC, a metodologia da pesquisa científica consiste, na verdade, em um caminho trilhado pelo pesquisador, o qual é motivado pelo seu olhar em relação às coisas do mundo, bem como pelo seu lugar de fala. Nesse sentido, a investigação passa a ser vista como uma verdade provisória, a depender do ponto de vista lançado aos dados em tratamento (MORIN, 2011; MORIN, 2006; MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003).

Esta pesquisa é do tipo documental, pois estamos tratando como documento a fala de acadêmicos transexuais ou acadêmicas travestis que tiveram acesso ao ensino superior público por intermédio das cotas para pessoas trans. Em tempo, a instituição de ensino superior focalizada está situada na região metropolitana de São Paulo e pertence à esfera federal. Trata-se de uma das maiores universidades atuantes na região do ABCD Paulista.⁴

A pesquisa documental é caracterizada pela sua capacidade de semiotização de práticas sociais dentro de um determinado recorte de tempo e espaço. Nesse sentido, entendemos o processo de documentação como um procedimento rico de sentidos, pois se constitui a partir de uma dinâmica interacional de pessoas, ato carregado de ideologias. Por isso, é uma tipologia metodológica bastante recorrente no campo das Ciências Humanas (SÁ-

SILVA et al, 2009; CELLARDI, 2008, SEVERINO, 2007).

A abordagem é qualitativa, partindo do pressuposto de que optamos por um olhar intersubjetivo para análise e descrição dos dados gerados. Isso porque levamos em consideração o lugar de fala do ator social, considerando, pois, a sua história de vida, bem como os possíveis gatilhos sociais, os quais condicionaram o olhar que construiu a partir do seu nome social.

A pesquisa qualitativa é caracterizada pela sua imanência relativa de leitura das situações sociais, o que cobra dos pesquisadores um olhar mais sensível ao outro e à realidade focalizada. Assim, do ponto de vista relacional, a ideia de ser qualitativa está essencialmente ligada aos fatores implícitos que motivam as construções discursivas (PEREIRA; ANGELOCCI, 2021; LAKATOS; MARCONI, 2013).

Construções de sentidos a partir das vozes dos sujeitos de pesquisa

Nesta seção, apresentamos o percurso descritivo e analítico desta investigação. O tratamento do *corpus* foi pensado a partir das relações interdisciplinares propostas pelos estudos aplicados da linguagem, tal como discurremos nos tópicos anteriores. Foram realizadas entrevistas com 03 pessoas transexuais e/ou travestis que estão regularmente matriculados no ensino superior de uma determinada instituição de ensino paulista. Recorremos aqui a 03 recortes das falas dos acadêmicos cotistas, atores sociais desta pesquisa.

O primeiro recorte foi extraído da fala daquele que, por razões éticas, optamos por chamar de “Cotista 01”. Este, por sua vez, relata um exemplo de violência considerada por ele como um ato

⁴ A região do ABCD Paulista é composta pelos municípios Santo André, São Bernardo do Campo,

São Caetano do Sul e Diadema, os quais são limítrofes da Grande São Paulo.

homofóbico explícito, vivenciado na sua rotina universitária.

COTISTA 01

O nome dele tá certo. Ele já fez toda a mudança no sistema. Colocou o nome social. E o professor insistiu em usar o nome antigo dele, mesmo ele pedindo pra usar o nome certo.

De acordo com o fragmento acima, a pessoa trans já teria efetuado a troca do seu antigo nome pelo nome pessoal em toda a sua documentação, inclusive no sistema da própria universidade. Logo, não havia registros do seu nome antigo. Todavia, ainda conforme o Cotista 01, o professor recusou-se a se referir ao acadêmico pelo seu nome social, ainda que este o tenha pedido. Nesse caso, o professor teve acesso ao nome antigo do cotista por intermédio da documentação institucional, o que o fez optar pelo nome antigo.

Nesse caso, de acordo com os estudos aplicados da linguagem, há uma espécie de tentativa de silenciamento da voz do acadêmico trans, uma vez que o fato de ter tido o seu pedido ignorado sugere uma sobreposição discursiva. Portanto, é pertinente pensarmos, a partir disso, em um ato de disjunção ideológica, motivada

pela posição assimétrica entre o acadêmico e o professor (FABRÍCIO, 2017; PEREIRA, 2015).

Dessa forma, esta assimetria não é proposta pela relação de autoritarismo pedagógico, comumente vista em relações de poder na sala de aula. Trata-se de algo além disso, que consiste justamente na disparidade ética entre os atores sociais, o que pode caracterizar um ato violento de homofobia, de modo a resgatar a posição subalterna historicamente criada em torno da figura da pessoa trans (GONÇALVES; SILVA; GOIS, 2014; KLEIMAN, 2013).

O segundo recorte foi extraído da fala daquele que optamos por chamar de “Cotista 02”. Este, por sua vez, reconhece não ter alguma reação diante de casos de homofobia. Em seu relato, ele faz referência ao processo burocrático adotado pela universidade.

COTISTA 02

Não costumo ter uma reação. Só acontece quando eu entrei na universidade, mesmo tendo preenchido meus documentos com meu nome social etc., fizeram eu assinar um termo com n coisas. Quando eu fui criar o meu e-mail, o comecinho do e-mail te dá opções de como você deve fazer, com o comecinho do seu nome.

De acordo com o fragmento acima, o Cotista 02 relata que assinou vários documentos para que pudesse ter a oportunidade de ser chamado, legalmente, pelo seu nome social. No entanto, mesmo já tendo preenchida toda a documentação que lhe foi apresentada, encontrou certos entraves na criação de seu endereço eletrônico institucional.

A situação relatada nos faz retomar a todo um sistema de políticas públicas falho em relação à inclusão de pessoas trans. O não reconhecimento do sistema em relação ao nome social do cotista nos convida a pensar da predominância do teor segregador heteroformativo, ainda que este pareça não se fazer presente. Nesse sentido, entendemos que há uma

preocupação maior em permitir o acesso das pessoas trans ao meio universitário e não, necessariamente, a sua permanência (FABRÍCIO, 2017; MOITA LOPES, 2006b).

O terceiro recorte foi extraído da fala daquele que optamos por chamar de “Cotista 03”. Este relaciona o fato de não ter sido chamado pelo seu nome social, em ocasiões pontuais, a um suposto despreparo na gestão da universidade.

COTISTA 03

Então, achei que faltou um pouco um preparo por parte da universidade. Tiveram casos de erro com nome social durante algum tempo. A gente teve também, nesse último quadrimestre, um episódio de transfobia dentro da universidade. Então, eu acho que não é um processo que está totalmente pronto.

De acordo com o fragmento acima, ao não ser chamado pelo nome pessoal, o Cotista 3 relaciona o despreparo da universidade a um episódio de transfobia, já que a sua identidade trans parece não ter sido respeitada aos seus olhos.

Do ponto de vista discursivo, o fato de não ter seu nome social articulado a sua imagem pessoal soa como uma espécie de apagamento de identidade, já que, aos olhos do Cotista 3, isso parece favorecer um deslocamento identitário em relação ao espaço em que atua. Isso, por sua vez, gera um sentimento de não pertencimento por parte do acadêmico trans, que parece não se reconhecer no meio universitário (MOITA LOPES, 2013a; MOITA LOPES, 2013b).

Dessa forma, o posto de minoria lhe é atribuído em razão do distanciamento do próprio sistema universitário em relação às reais dores do acadêmico trans. Em outros termos, há uma ideia de subordinação do Cotista 3 em relação aos demais universitários, implicitamente figurativizados como acadêmicos brancos e héteros, os quais, provavelmente, participam do processo interativo universitário a partir de outras demandas interacionais (FABRÍCIO, 2017; MOITA LOPES, 2006a; MOITA LOPES, 2006b).

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos um percurso descritivo-analítico acerca da importância do nome social no processo de permanência de acadêmicos que tiveram acesso ao ensino superior por intermédio das cotas para transexuais e travestis. Para isso, mapeamos discursos que pudessem indicar alguma representação ideológica a partir do ato de nomeação da pessoa trans.

Para evidenciarmos nossas considerações, vamos retomar à pergunta de pesquisa, evidenciada na Introdução deste artigo: *Qual a representação dos nomes sociais de acadêmicos que ingressaram no ensino superior por intermédio das cotas para pessoas transexuais e travestis?*

Entendemos que a referida problemática foi contemplada durante o tratamento dos dados gerados, processo que nos oportunizou mapear várias projeções discursivas caracterizadoras do papel do nome social para os atores sociais cotistas. Nesse sentido, tratam-se de forças ideológicas maiores que, em grande parte das vezes, não se esgotam no discurso momentâneo do cotista. Em outros termos, consiste em uma representação semiótica e valores e princípios sociais em constante construção (FABRÍCIO, 2017; MOITA LOPES, 2013a; MOITA LOPES, 2013b;

MOITA LOPES, 2006a; MOITA LOPES, 2006b).

As análises revelam que o nome social é uma espécie de reforço autorrepresentativo das identidades de gênero do ator social. Nesse caso, a falta de uma interlocução estabelecida por meio do ato de nominar soa como princípio de violência homofóbica, partindo do princípio de que o acadêmico cotista passa a não se reconhecer por outro nome que não seja aquele que elegeu para si.

Ao ser mencionado como um ato de violência homofóbica não velada, a ausência do nome social nas práticas conversacionais corrobora para medidas que se assumem violentas em outros níveis, tais como xingamentos e agressões físicas. Por outro lado, estes tipos de intimidações assumem natureza corriqueira, já que constam na maioria dos trabalhos acadêmicos que versam sobre homofobia em contextos formais de ensino (SARTORI, 2022; SARTORI, 2021; SARTORI, 2020).

Em suma, esperamos que este trabalho seja convidativo aos demais estudiosos sobre gênero e identidades na dita modernidade líquida. Entendemos que pesquisas que possam viabilizar um mecanismo de vozeamento de grupos periféricos estão se tornando cada vez mais necessárias às demandas acadêmicas atuais.

Referências

BAUMAN, Z. **Vida para o Consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Cuerpos que Importan**: Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 1997.

CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. **A Pesquisa Qualitativa**: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008, p. 01-19.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.

GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R.; GÓIS, M. L. de Souza. Múltiplas Vozes na Construção de Objetos de Investigação na Linguística Aplicada. In.: GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R.; GÓIS, M. L. de SOUZA (Orgs). **Visibilizar a Linguística Aplicada**: Abordagens teóricas e metodológicas. Campinas/SP: Pontes Editores, 2014. p. 13-23.

KLEIMAN, A. Agenda de Pesquisa e Ação em Linguística Aplicada: Problematizações. In.: MOITA LOPES, L. P. (Orgs). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo/SP: Parábola, 2013. p. 39-58.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2013.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador/BA: EDUSC, 2012.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A Vida de Laboratório**: A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume, 1997.

LIMA, S. R. A. de. Mais Reflexão, Menos Informação. In.: FAZENDA, I. (Org). **O que é Interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 185-199.

MALINOWSKI, B. **Coral Gardens and Their Magic**: A Study of the Methods of Tilling the Soil and of Agricultural Rites in the Trobriand Islands. United Kingdom: Read Books, 1935.

MOITA LOPES, L. P. da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In.: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada**: Um caminho com

diferentes acessos. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 11-24.

MOITA LOPES, L. P. da. Fotografias da Linguística Aplicada Brasileira na Modernidade Recente: Contextos escolares. In.: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonieta Celani. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013b. p. 15-38.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In.: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 85-108.

MOITA LOPES, L. P. da. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: Interrogando o campo como linguista aplicado. In.: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 13-44.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na Era Planetária**: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA, B. G. Evolution of Applied Linguistics in Brazil. **Revista São Luis Orione**, v. 4, p. 5-15, 2017.

PEREIRA, B. G. Linguística Sistemico-Funcional e Análise Crítica do Discurso em Confluência: Diálogos possíveis em Linguística Aplicada. **Revista Ribanceira**, Belém. Vol. I. Num. 4. jul. dez. 2015. p. 32-43.

PEREIRA, B. G. **A Relação entre Língua e Cultura no Documentário “Vidas: Línguas em Português”**. 2011b. 20f. Artigo de Conclusão de Curso (Especialização em Linguística Aplicada) – Faculdade Antônio Propício de Aguiar Silva, Pium (TO), 2011.

PEREIRA, B. G.; ANGELOCCI, M. A. **Metodologia da Pesquisa**. Pará de Minas (MG): VirtualBooks, 2021.

SARTORI, T. L. Análise da Educação Brasileira em Face ao Estudo da Sexualidade:

Marginalização da Educação Sexual na BNCC. **Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 23, n. 00, e022001, jan./dez. 2022.

SARTORI, T. L. Políticas Públicas, Educação para os Direitos Humanos e Diversidade Sexual. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. **Rev. Pemo**, v. 3, p. e335484, 2021.

SARTORI, T. L. **Educação, Direitos Humanos e Violência Homofóbica no Ambiente Escolar**: A Concepção dos Gestores. 2020. 130f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS, São Caetano do Sul: SP, 2020.

SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Direitos Humanos e Políticas Públicas na Educação Superior: Algumas palavras sobre identidades de gênero. In: RIBEIRO, A. C. F *et al* (orgs). **Práticas da Interdisciplinaridade na Educação**. 1ed. Pará de Minas/MG: Virtual Books, 2022a, v. 1, p. 58-63.

SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Identidades de Gênero na Modernidade Líquida: Mapeamento de Políticas Públicas na Educação do Brasil. **Temática** – Revista eletrônica de publicação mensal, v. 09, p. 191-205, 2022b.

SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Percepções sobre Sociedade e Estado a partir da Semiótica: Olhares Enunciativos em Textos Sincréticos. **Revista FSA** (Faculdade Santo Agostinho), v. 19, p. 299-317, 2022c.

SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Autorrepresentações de Acadêmicos Cotistas a partir das Políticas Públicas de Acesso e Permanência de Pessoas Transexuais e Travestis na Educação Superior Brasileira. **International Journal Of Development Research**, 2022d (no prelo).

SÁ-SILVA, J. R. *et al*. Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I. 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

Recebido em 2022-11-17

Publicado em 2023-03-13